

# TEORIA CRÍTICA E ENSINO: UM ESTUDO SOBRE O PROCESSO DE FORMAÇÃO EM UMA SOCIEDADE INFLUENCIADA PELA INDUSTRIALIZAÇÃO

Msc. Keila Mara de Oliveira Farias<sup>1</sup>  
Msc. Ronaldo Rosa dos Santos Junior<sup>2</sup>  
Msc. Marcos Soares Silva<sup>3</sup>  
Msc. Fabio Gonçalves do Nascimento<sup>4</sup>

## RESUMO

Este artigo faz uma reflexão acerca do ensino em uma sociedade influenciada pelo processo de industrialização, tendo como base conceitos relacionados à Teoria crítica, como indústria cultural, esclarecimento e emancipação.

Palavras-chave: Teoria Crítica, ensino, indústria cultural.

## INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é de utilizar a Teoria Crítica para analisar o ensino como processo de formação em uma sociedade influenciada pela industrialização. Será que as instituições de ensino desempenham suas atividades na lógica da “indústria cultural”? Podem-se considerar essas instituições como indústria? Essas são algumas das perguntas que justificam este estudo.

A utilização de conceitos da Teoria Crítica como “indústria cultural”, “esclarecimento”, “emancipação” entre outros é justificada pela atualidade e relevância desta teoria e de suas idéias. De acordo com Maar (1995) esses conceitos são atuais para o desenvolvimento de um estudo sobre a sociedade influenciada pela industrialização.

Com o processo de industrialização, muitas das organizações foram se adequando a um sistema voltado para o consumismo, para a competitividade, fazendo com que os homens deixem de ser gregários e passem a ser cada vez mais individualista. Esse processo provocou mudanças na sociedade e na forma desta ser percebida pelos homens.

---

<sup>1</sup>Docente do Curso de Administração da Faculdade Araguaia e Faculdade Padrão. e-mail: [farias\\_kmo@yahoo.com.br](mailto:farias_kmo@yahoo.com.br).

<sup>2</sup>Coordenador do Curso de Administração Faculdade Araguaia. E-mail: [ronaldo@faculdadearaguaia.edu.br](mailto:ronaldo@faculdadearaguaia.edu.br)

<sup>3</sup>Docente do curso de Administração e Engenharia Ambiental da Faculdade Araguaia. e-mail: [marcoosilva.soares@gmail.com](mailto:marcoosilva.soares@gmail.com)

<sup>4</sup>Docente do curso de Administração da Faculdade Araguaia. e-mail: [fabiogadm@yahoo.com.br](mailto:fabiogadm@yahoo.com.br)

Primeiramente, buscou-se conhecer um pouco sobre a Teoria Crítica, seus principais idealizadores e o que a caracteriza, com intuito de mostrar a importância da teoria para o desenvolvimento deste estudo.

Após esta descrição, enfatiza-se sobre a indústria cultura, a educação e como as instituições de ensino estão absorvendo esses conceitos no desenvolvimento de suas atividades, buscando desenvolver uma crítica sobre a lógica da sociedade que pode ser considerada como industrializada, e como essa sociedade passa a exigir e modificar a ideia da atuação das instituições de ensino.

### **Teoria Crítica**

Civita em Coleção Os Pensadores (1975, p. 946) inclui a Teoria Crítica e seus principais representantes na história das grandes ideias do mundo ocidental. Segundo o volume IV desta coleção, grande parte dos trabalhos da Escola de Frankfurt encontra-se na *Revista de Pesquisa Social*, que é considerada um documento importante para a “compreensão do espírito europeu do século XX”, onde “se fundem a autonomia intelectual, a análise crítica e o protesto humanístico”. Os trabalhos desenvolvidos pela Escola de Frankfurt são nomeados de Teoria Crítica.

De acordo com Civita em Coleção Os Pensadores (1975, p.946) os colaboradores da Escola de Frankfurt “estiveram sempre na primeira linha de reflexão crítica sobre os principais aspectos da economia, da sociedade e da cultura de seu tempo”. Segundo Rouanet (1998) os principais colaboradores da Escola de Frankfurt são Walter Benjamin, Theodor Wiesengrund-Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas. Para Civita em coleção Os Pensadores (1975, p.947) Walter Benjamin, Theodor Wiesengrund-Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas, formaram um grupo mais coeso, com um pensamento dotado de maior unidade teórica. Já Herbert Marcuse e Erich Fromm “procuram vincular a psicanálise criada por Freud às ideias marxistas”. Batista (2001) O esforço dos frankfurtianos “era o de preservar o poder crítico de uma filosofia imanente, totalmente histórica”.

De acordo com Civita em Coleção Os Pensadores (1975, p.952) os frankfurtianos constituem uma escola com “uma postura de análise crítica e perspectiva aberta para todos os problemas da cultura do século XX”. Maar (1995) considera a Escola de Frankfurt como um reflexo teórico da crise do trabalho formador, em especial da questão da articulação entre processo de trabalho social e processo de formação cultural.

Segundo Horkheimer (1975, p.163-164) existe diferença entre a Teoria Tradicional e Teoria Crítica. A teoria no sentido tradicional foi fundamentada no Discurso do Método de Descartes, e “organiza a experiência à base da formulação de questões que surgem em conexão com a reprodução da vida dentro da sociedade atual”. Os interesses do pensamento teórico tradicional são universalmente reconhecidos pela sociedade. Pois os seus sistemas podem ser aplicados ao maior numero de ocasiões.

Já a Teoria Crítica é oposicionista, não se deixa enganar pela aparência, e apesar dos interesses do pensamento crítico serem universais não são universalmente aceitos. A Teoria Crítica esta de acordo com o idealismo alemão e preserva a herança da filosofia no sentido de “não se tratar apenas dos fins tais como são apresentados pelas formas de vidas vigentes, mas dos homens com todas as suas possibilidades.”

Segundo Rezende (2004) em aula ministrada sobre Marxismo e Freudismo no dia 24 de agosto em Mestrado de Psicologia – UCG, a Teoria Crítica é caracterizada pelo fato de se contrapor a uma determinada realidade, denunciando não somente o que ela é, mas também diz o que não é a realidade, porem mostra o que deveria ser a realidade.

Maar (1995, p. 12-17) destaca que analisar a formação social seria a função da teoria crítica, revelando assim, as raízes deste movimento e descobrindo as condições para interferir em seu rumo. “O essencial é pensar a sociedade e a educação em seu devir. (...) Por isto a educação, necessária para produzir a situação vigente, parece impotente para transformá-la”. A Escola de Frankfurt é um reflexo teórico da crise do trabalho formador, em especial da questão da articulação entre processo de trabalho social e processo de formação cultural.

As idéias da teoria crítica são instrumentos importantes para análise da sociedade em que vivemos, onde o que vemos e percebemos dessa sociedade nem sempre é a realidade. São essas características voltadas para a crítica da sociedade, que desperta a necessidade de uma busca continua pela forma que a realidade nos é mostrada e pela forma com que é percebida pelos homens.

### **Indústria Cultural e Educação**

De acordo Civita em Os Pensadores (1975, p.964) o termo indústria cultural foi empregado pela primeira vez por Adorno e Horkheimer em 1947 em a Dialética do Esclarecimento.

Segundo Almeida (1985, p.7-8) a palavra esclarecimento foi utilizada para a tradução de *Aufklärung*, pois o sentido de ambas designa “o processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosas, políticas, sexuais, etc.)”. Sendo que, para Adorno e Horkheimer (1985, p.14) o termo “esclarecimento exprime o movimento real da sociedade burguesa”.

Conforme Zuin (1999) o conceito de indústria cultural permanece atual e relevante para a investigação dos mecanismos psicológicos determinado pelas relações sociais que exigem a universalização da nossa ‘educação danificada’. O discurso oficial de que a causa dos problemas sociais vivenciados cotidianamente está na deficiência da escolarização formal é tão falso quanto à idéia de que esses problemas poderiam ser resolvidos por meio de uma educação que produzissem pessoas consideradas ‘cultas’.

Segundo Zuin (1999) essa idéia é constantemente desmentida por situações onde pessoas consideradas ‘cultas’ praticam atos que provam que a barbárie continua presente entre nós como o assassinato do índio pataxó que foi queimado por adolescentes com alto nível de escolarização formal.

Casos semelhantes a este, são noticiado a todo tempo, e continuam acontecendo como o do estudante de medicina que assassinou pessoas em um cinema e o da estudante que planejou juntamente com o namorado o assassinato de seus pais. Nos casos citados as pessoas que praticaram atos bárbaros são pessoas que tinham um bom nível de escolaridade formal.

Atos como esses segundo Zuin (1999, p. 8) indicam uma “fissura entre os conteúdos ideológicos da promessa de uma vida mais justa por causa da ‘democratização da cultura’ e o real cumprimento dessa intenção”. “De fato, a produção cultural que se submete quase por completo ao seu caráter de valor afasta-se de si própria, ou seja, termina por negar toda a possibilidade de felicidade ao dissimular um verdadeiro estado de liberdade”.

De acordo com Zuin (1999, p. 43-44) a humanidade cada vez mais esclarecida é a mesma que sente o prazer da reincidência da barbárie. Mesmo em uma sociedade onde os homens podem igualar-se entre si, a ânsia de satisfação das necessidades causadas por uma sociedade capitalista, faz com que eles acabem se afastando. “É interessante ressaltar que, tal como no mito, situamos-nos diante de uma sociedade em que suas relações suplicam pela reprodução do sempre idêntico. E a mesmice caminha de mãos dadas com o conformismo e com a resignação ao horror”.

Torna-se importante salientar que na sociedade ao buscar se diferenciar uns dos outros, o homem visualiza que ser diferente, ser individuo é mais que ser, é possuir objetos de consumo que, a todo o momento, são oferecidos pela industria cultural. E no decorrer de seus passos pelo consumo desenfreado, pela busca de ter o produto da moda, o homem comete atos bárbaros, que são justificados pelo discurso dominante, o discurso da liberdade de buscar a tão prometida felicidade nos objetos. Mas que educação é essa que não mostra ao homem, o ser humano?

De acordo com Maar (1995, p. 11) em *Á guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*: “a educação não é necessariamente um fator de emancipação (...) na verdade significa exatamente ao contrario: a necessidade da crítica permanente”. Para Adorno (1995, p. 35) “a própria falta de emancipação é convertida em ideologia, tal como o faz a juventude que, surpreendida em qualquer ato de violência, procura se livrar apelando a sua condição de *teenager* adolescente”. Adorno fala sobre a existência de uma contradição onde a sociedade tenta dissimular pregando a imaturidade democrática para justificar a barbárie.

Quando o assunto é educação contra a barbárie Adorno (1995, p. 158) salienta:

Portanto, creio que na luta contra a barbárie ou em sua eliminação existe um momento de revolta que poderia ele próprio ser designado como bárbaro, se partíssemos de um conceito formal de humanidade. Mas já que todos nós nos encontramos no contexto de culpabilidade do próprio sistema, ninguém estará inteiramente livre de traços de barbárie, e tudo dependerá de orientar esses traços contra o principio da barbárie, em vez de permitir seu curso em direção à desgraça.

A sociedade é considerada como um sistema de partes interdependentes, seguindo o raciocínio da divisão do trabalho industrializado, onde cada um desempenha parte da atividade com padrões pré-estabelecidos para que todos tenham chances de se enquadrar na lógica industrial.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p.114) os padrões são aceitos sem resistência pelos consumidores por serem o resultado das necessidades destes. Para os autores a “racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma”. (...) “A técnica da indústria cultural levou apenas a padronização e a produção em serie, sacrificado o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social”.

Esse padrão é utilizado nas instituições de ensino, da mesma forma que se prega o desenvolvimento de uma indústria cultural, capaz de levar a cultura a todos, de forma massificada, também se prega à massificação da educação. As instituições de ensino passam a padronizar suas atividades, produzindo em série alunos diplomados para atender o mercado.

Maar (2003, p. 460-461) faz distinção entre a indústria cultural e a cultura de massas, para o autor:

Cultura de “massas” parece indicar uma cultura solicitada pelas “massas”, como se fossem “sujeito” pressuposto acriticamente, fora do alcance da totalização. Já o termo indústria cultural ressalta o “mecanismo” pelo qual a sociedade como um todo seria construída “sob a égide do capital, reforçando o vigente (...) “as massas” são semiformadas afirmativamente para confirmar a reprodução continuada do vigente como cópia pela indústria cultural.

Segundo Medrano e Valentim (2001, p. 69) o homem se educa na medida em que se transforma. “A história da nossa Educação está marcada por momentos em que, por puro interesse da burguesia, sofremos transformações no nosso sistema escolar, com o único objetivo de atender a tais interesses capitalistas”.

Medrano e Valentim (2001) citando Ramos-de-Oliveira (1998, p.21-22) revela-nos uma fotografia deste fato, mostrando que se faz "moderno" automatizar vários campos e atividades:

Eis aí o ensino modernizado: grandes unidades para produção do conhecimento. Tudo segundo a ciência norte-americana pragmática e sistêmica: a escola é a grande caixa preta industrial, seu input são os alunos ignorantes, seus output são os alunos diplomados, ou melhor, alguns como produtos com o selo do controle de qualidade, outros destinados ao submercado ou simplesmente refugados. Estamos entrando no industrialismo moderno, na mecânica do fordismo. (1998, p. 21-22)

Segundo Medrano e Valentim (2001) a ‘indústria cultural’ é um fato que a cada dia ganha mais espaço dentro das mais variadas áreas sociais, chega também nas instituições de ensino sem que nos apercebamos de seus perigos e influências.

Para entender os perigos e influências que a indústria cultural impõe a sociedade por meio das instituições de ensino, faz-se necessário conhecer o pensamento de Foucault sobre a educação:

Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no

que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é maneira política de manter e de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. (...) O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos. (Foucault, 1970, p. 43-49)

Muitas instituições de ensino desenvolvem suas atividades dessa maneira, pensando nos alunos como insumos, ou seja, inputs, o que vale para elas é o reconhecimento do mercado. O serviço dessas organizações é preparar produtos para atender a necessidade de mão-de-obra do mercado. Em momento algum se fala no desenvolvimento de pessoas com um pensamento crítico, mas de homens alienados, capazes de dar continuidade ao discurso dominante.

No intuito de verificar esta “qualidade de ensino”, ou seja, se o produto oferecido pelas instituições tem qualidade, foram desenvolvidas diversas avaliações que identificam em único momento se o “produto” esta mais ou menos capacitado para atuação no mercado. Desenvolve um rotulo sobre a instituição classificando-a de acordo com a qualidade aferida nestes testes. Fazendo com que a preocupação da instituição seja com o tempo, com a quantidade de alunos, com a quantidade de artigos produzidos por seus professores e alunos e até mesmo com o tempo estipulado para o desenvolvimento de pesquisas e produção de conhecimento.

O discurso continua o mesmo, seja em uma indústria, em uma instituição de proteção ao meio ambiente, seja no governo, seja nas instituições de ensino, seja na família, entre outras, o que funciona é a lógica da sociedade industrial, onde tudo tem seu preço, onde a indústria cultural é capaz de vender até mesmo o que não desejamos, pior que isso, muitas vezes, nem conseguimos perceber que continuamos escravos dessa indústria e que talvez só o feitor tenha mudado.

A “lógica da sociedade industrial” tenta criar o seu próprio discurso, e com o intuito de validá-lo utilizá-se da indústria cultural para divulgá-lo. Adorno e Horkheimer (1985, p. 47-48) consideram que a “lógica da sociedade industrial” forçam ao conformismo afastando os homens da verdade. Que “com a metamorfose que transformou o mundo em indústria, a perspectiva do universal, a realização social do pensamento, abriu-se tão amplamente que, por causa dela, o pensamento é negado pelos próprios dominadores como mera ideologia”.

Muitas vezes na sala de aula ficamos tentados a mostrar os dois lados da moeda e quando não resistimos a isso e deixamos de lado o discurso dominador e mostramos além do

lado do vencedor à necessidade de se conhecer o lado da história pelos vencidos. Percebo uma grande interrogação na sala, será que a professora está ficando louca? De onde ela tirou isso? Eu aprendi desde criança uma história e agora o professor diz que não é bem assim. Nem sempre conseguimos mostrar a história em uma relação dialética.

No parágrafo abaixo Benjamin, fala sobre como deveria ser escrita a história:

Quando Benjamin dizia que a história foi escrita até o presente do ponto de vista dos vencedores e teria de ser escrita do ponto de vista dos vencidos, a isso dever-se-ia acrescentar que o conhecimento decerto tem que apresentar a infausta linearidade da sucessão de vitórias e derrotas, mas também deve se voltar para o que não se inseriu nessa dinâmica e ficou a meio caminho – por assim dizer os resíduos e pontos sombrios que escaparam à dialética. É da essência do vencido aparecer em sua impotência como inessencial, marginal, ridículo. O que transcende a sociedade dominante não é só a potencialidade desenvolvida por ela, mas também aquilo que não se enquadrou nas leis do movimento da história. (Adorno, 1993, aforismo "Legado", p. 133, *apud* Batista, 2001)

Isso faz refletir sobre o que realmente seja o ato de ensinar. Como mostrar a realidade, se muitas das vezes apenas se repete o discurso dos vencedores, até mesmos porque este é o único que foi permitido conhecer. O que é ensinar? De acordo com Ramos-de-Oliveira (2001, p.19-27) :

Ensinar é exercer atos de comunicação com propósitos definidos. Trata-se de transmitir conhecimentos básicos que formem uma rede de apoios à contínua aquisição e reformulações posteriores.(...) Um ato de comunicação pode ser uma simples ponte de informações entre pessoas numa espécie de trânsito de mão única ou dupla, mas que não pressupõe a obrigatoriedade de que tais unidades se fixem. Passam, cumprem seu propósito e se apagam. Nós nos comunicamos quando, por exemplo, interrogamos o açougueiro a respeito do preço das carnes que vende e este nos responde. Trata-se de um ato necessário, não resta dúvida, mas esgota-se em si mesmo. Há outros tipos mais fortes de intercâmbio entre pessoas e a educação pressupõe um dos mais importantes: a comunicação real, a troca que enriquece e se fixa não como um elemento estático, mas como um germe, um ponto potencialmente explosivo. Essa é a comunicação educativa, um ato que transforma, modifica, persiste atuante. Bem se vê que esta ação cala, entra, penetra. Tem como uma de suas características o estímulo, o ferrão que estimula respostas imediatas e mediatas. É também resultado de uma expressão, algo que sai de uma pessoa com ênfase e autenticidade. É colorida e densa, profunda e larga. É o verdadeiro ato educativo. É formação. (...).Por outro lado, os conhecimentos que realmente significam demandam um trabalho interno considerável. Não são efêmeros nem são rápidos. São "insights", são relâmpagos, mas só se fixam integralmente com a passagem do tempo. Exigem uma sedimentação contínua. Retornam de tempos em tempos, enriquecendo-se e modificando-se. Sem o passar e o decantar do tempo, a formação não se estabelece.



Será que as instituições de ensino estão prontas para ensinar? Ou a lógica da sociedade industrial já conseguiu fazer com que muitas instituições de ensino praticassem suas atividades de forma a manter o discurso dominante, onde o “diploma”, ou seja, os alunos diplomados passaram a ser considerados como bens de consumo do mercado.

Zuin (1999, p.81) utiliza-se do mito de Tântalo que furtou os manjares dos deuses para entrega-los aos homens, pagando um alto preço, pois “quando tinha sede e se aproximava da água, ela se afastava; quando tinha fome e se aproximava das árvores, seus frutos eram negados”. Passando a sensação de que a felicidade encontra-se ao lado, mas nunca poderá ser satisfeita. Veja o que o autor diz sobre o consumo suntuoso e sedutor:

Ele parece prover a sensação de que, ao nos apropriamos dos produtos propagandeados, imediatamente tomamos posse dos atributos vinculados. Mas essa sensação é tão efêmera que se dissipa não tanto pela aplicação do raciocínio crítico. Ele se desmorona frente à promessa de que na próxima semana nossa consternação será eliminada, pois encontraremos, enfim, a satisfação plena no produto simbólico mais sofisticado. Estamos defronte a um processo em que aparente não sublimação das pulsões está muito distante do rompimento entre as antinomias do sujeito e do objeto, do desejo e da sociedade. Há um nítido processo repressivo em jogo, pois o desejo, na sociedade capitalista contemporânea, é duplamente humilhado.(...) A construção de cultura, na forma da sublimação estética, como pudemos observar anteriormente, exige a renovação da humilhação da pulsão. Mas a preservação de sua dignidade é seriamente abalada quando a indústria cultural afirma acabar com a imposição sociais, mais jamais cumpre o prometido. (Zuin 1999, p.81-82)

As pessoas acabam acreditando que com o diploma, desta ou de outra, instituição de ensino pode conseguir uma melhor “formação”. Um diploma mais valorizado no mercado e quanto mais as instituições de ensino percebem isso mais elas tentam vender a imagem de uma instituição reconhecida no mercado. Vende a sua posição no mercado, utiliza a mídia para mostrar que é a melhor. Vende uma estrutura, vende um diploma mas a maioria das vezes deixa a sua condição de instituição de ensino para torna-se uma indústria onde a qualidade não esta voltada para o conhecimento, mas para a produção, para a estrutura.

A diferença entre as instituições de ensino, como as vantagens e desvantagens, serve apenas para criar uma ilusão da concorrência e da possibilidade de escolha. Essas instituições tratam o aluno como produto de sua indústria, onde o desenvolvimento de novos cursos, é voltado para atender as necessidades de mão-de-obra do mercado. Os alunos são

treinados e preparados para o mercado de trabalho, de forma a não contestar as ordens, e muitas vezes para não ter um senso crítico, passando a repetir exatamente o que os outros querem, e finalmente que ele entre na lógica da sociedade industrializada.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Na busca do conhecimento de forma crítica, surgem vários caminhos, que nem sempre nos mostra a verdadeira realidade, mas faz se importante continuar a persistir nesta busca. O desenvolvimento deste trabalho não buscou tentar generalizar as situações, mas levantar algumas indagações sobre a lógica desta sociedade industrializada, que muitas vezes inviabiliza o conhecimento crítico aos homens, e que tenta de certa forma, fazer com que continuemos alienados a algumas situações.

Desta busca surgem várias outras questões. Como os alunos que estudam em instituições de ensino superior percebem a alienação? O que os educadores estão fazendo para que as pessoas tenham conhecimento dos males causados pela indústria cultural? Será que as pessoas estão preparadas para viver em um mundo real?

Mas percebemos que atualmente, as pessoas vivem reclamando que não tem tempo pra isso, não tem tempo para aquilo, que as informações estão cada vez mais rápidas, e que as pessoas cada vez mais longe da tão sonhada felicidade. Será que as pessoas estão preparadas para a realidade?

A pergunta que faço a todo tempo, será que estamos preparados para a realidade? Vejo que também para esta pergunta ainda não encontrei resposta. Talvez por ainda estar no ritmo acelerado da lógica industrial, onde ser humano, não é o que importa, e sim ser competitivo, ter um lugar na sociedade, obter o reconhecimento das outras pessoas, e até mesmo por ter sido educada para a busca desse ideal pragmático e consumista.

Concluindo, faço as palavras de Adorno (1995, p.67-68) as minhas:

O individuo só emancipa quando se libera do imediatismo de relações que de maneira alguma são naturais, mas constituem meramente resíduos de um desenvolvimento histórico já superado, de um morto que nem ao menos sabe de si mesmo que está morto.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.

- ADORNO, T. W. *Mínima moralia: Reflexões a partir da vida danificada* Trad. de L. E. Bicca, 2a. ed.. São Paulo: Ática, 1993.
- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento* - Fragmentos filosóficos. Trad. de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985.
- ALMEIDA, Guido. In: ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento* - Fragmentos filosóficos. Trad. de Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1985. p.7-8.
- BATISTA, Sueli Soares dos Santos. "O projeto interdisciplinar da teoria crítica: a história e a psicologia". *Psicol. USP*. [online]. 2001, vol.12, no.1 [citado 23 Janeiro 2005], p.121-133. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642001000100006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642001000100006&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0103-6564.
- CIVITA, Victor. "Historia das Grandes Idéias do Mundo Ocidental". In: *Os Pensadores*. 1ª ed., São Paulo: Abril Cultural, 1975.
- FOCAULT, Michel. *A ordem discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- HORKHEIMER, M. "Teoria Tradicional e Teoria crítica". In: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1975; vol. XLVIII; p. 125-162.
- MAAR, Wolfgang Leo. "A Guisa de Introdução: Adorno e a Experiência formativa". In: ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- MAAR, Wolfgang Leo. "Adorno, Semiformação e Educação". In: *Revista Educação e Sociedade*., Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, 2003.
- MEDRANO, Eliziara M. O. e VALENTIM, Lucy M. S. "A indústria cultural invade a escola brasileira". *Cad. CEDES*. [on-line]. ago. 2001, vol.21, no.54 [citado 23 Janeiro 2005], p.69-75. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622001000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000200007&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0101-3262.
- RAMOS-DE-OLIVEIRA, N. "Reflexões sobre a educação danificada". In: *A educação danificada: Contribuições à Teoria Crítica da Educação*. Petrópolis: Vozes/São Carlos: UFSCar, 1998.

RAMOS-DE-OLIVEIRA, NEWTON. “Do ato de ensinar numa sociedade administrada”. *Cad. CEDES*. [online]. ago. 2001, vol.21, no.54 [citado 23 Janeiro 2005], p.19-27. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622001000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000200003&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0101-3262.

ROUANET, Sergio Paulo. *Teoria Crítica e Psicanálise*. 4<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1998.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares. “Sobre a atualidade do conceito de Indústria Cultural”. *Cad. CEDES*. [on-line]. ago. 2001, vol.21, no.54 [citado 23 Janeiro 2005], p.9-18. Disponível na World Wide Web: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622001000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000200002&lng=pt&nrm=iso)>. ISSN 0101-3262.

ZUIN, Antônio Álvaro Soares.. *Industria Cultural e Educação: O novo Canto da Sereia*. Campinas: Autores Associados, 1999.

Recebido em 20 de novembro de 2012.

Aprovado em 12 de dezembro de 2012.